

LAZER E MEIO AMBIENTE: MULTIPLICIDADE DE ATUAÇÕES

LEISURE AND ENVIRONMENT: ACTING VARIABLE

Heloisa Turini Bruhns¹
Alcyane Marinho²

RESUMO: Esse artigo pretende discutir questões relacionadas ao ecoturismo, onde contradições e conflitos estão presentes. Igualmente busca uma compreensão sobre as imagens criadas em torno dessa atividade, as relações necessárias com a educação ambiental e a criação de novos conceitos sobre cidadania gerada nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, meio ambiente, cidadania

Novas sensibilidades relacionadas às questões ambientais têm possibilitado abertura para novas mentalidades, engendrando uma diversidade de práticas; dentre elas, destacamos as viagens à natureza e as práticas esportivas atreladas às mesmas. A associação de práticas esportivas à natureza não é nova, porém as formas mais recorrentes e sensíveis como tais atividades têm ocorrido estão despertando, cada vez mais, novos olhares.

Preocupadas em compreender os movimentos ambientalistas em seus desdobramentos, sejam preservacionistas, exploratórios ou modismos, buscamos uma aproximação, no sentido de um olhar curioso e indagador, não pretendemos desvendar grandes verdades (referentes a grandes descobertas), mesmo porque estas talvez nunca tenham existido. Portanto, o objetivo pretendido neste artigo enfocará questões relacionadas ao ecoturismo, e como essas práticas esportivas, nas quais se manifestam várias contradições, bem como algumas ações referentes ao movimento ambientalista, envolvem novos conceitos sobre cidadania.

Não mais estruturada a partir de pólos unificados, a vida social se alimenta nos modos e costumes contemporâneos, confrontando-se com a heterogeneidade sob suas diversas formas e aspectos contraditórios. Mais que a presença de um poder, presencia-se uma “potência da socialidade”, emprestando o termo de Maffesoli (1998, p.5), para o qual esta pode se manifestar, subvertendo a ordem estabelecida na forma do silêncio, da astúcia, da luta, da passividade, do humor ou do escárnio, resistindo à imposição do poder. Portanto, o insignificante faz sentido, uma vez enfrentando instituições macroscópicas e dominantes. Revela-se uma dimensão

¹ Professora Livre-Docente do Departamento de Estudos do Lazer da FEF/UNICAMP.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da FEF/UNICAMP.

crítica no movimento contemporâneo, não negando aqui suas ambigüidades, e, portanto, não dispensando a necessidade de discernimento e superação³.

A perspectiva ecológica revela-se como uma das formas de contemplação, ao lado da estética, de uma “política” diferenciada⁴, das diferentes formas do modo de cuidar de si e dos diversos cultos do corpo. A presença de uma “ética da simpatia” fortalecendo a ligação social, através da comunhão com a natureza, permite compreender situações de fusão e momentos de êxtase, caracterizadores do clima contemporâneo. Novos vínculos sociais são formados, surgidos a partir da emoção compartilhada ou do sentimento coletivo, estabelecendo conexões entre a ética e a estética (Maffesoli, 1996; 1998).

Tomando como base essas reflexões, vamos explorar os objetivos inicialmente propostos.

VIAGENS E PRÁTICAS ESPORTIVAS

No panorama contemporâneo ocorrem algumas viagens, nas quais a natureza é utilizada como denominador comum, identificadas sob vários rótulos, como ecoturismo⁵, turismo de aventura, turismo verde, turismo rural ou agroturismo, turismo sustentável, dentre outras⁶, agregando novas práticas esportivas, tais como: trekking, rafting, canyoning, escalada, exploração de cavernas, etc.

Na crescente expansão de um público alvo constituído por estudantes de cursos técnicos e de especialização; bem como numa frente ampla de mercado de trabalho, este tema desponta denotando grande relevância para a área da Educação Física, abordado em várias dissertações de mestrado e teses de doutorado tanto na área quanto fora dela. Uma das mais recentes produções refere-se a uma coletânea organizada focalizando as interfaces entre o lazer, o turismo e a natureza, a partir do diálogo com profissionais de diferentes áreas de atuação (Marinho; Bruhns, 2003).

Estes representam alguns dos avanços da temática em questão, nos últimos anos, a qual constitui-se numa exceção nas universidades, como mostrado em publicações recentes (Marinho; Seabra, 2002). Tal panorama exige, portanto, investigações mais direcionadas e especialização correspondente, com o intuito de

3 Em dois textos produzidos anteriormente, “Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização” e “Lazer e Tempo: buscando compreensões no processo de globalização”, procurou-se desenvolver uma crítica relacionada a aspectos como o desemprego, a espetacularização da vida atrelada a uma artificialização e a questão da compulsividade do tempo, dentre outras.

4 Maffesoli (op. cit.) discute como estamos vivendo em um quadro de desengajamento político, onde a saturação dos grandes ideais longínquos e a fraqueza de uma moral universal podem representar o fim de uma determinada concepção de vida, nascida sobre o domínio dos indivíduos e da natureza; porém, por outro lado, isso também pode mostrar que uma nova cultura pode estar surgindo.

5 De acordo com Ceballos-Lascurian (citado em Pellegrini Filho, 1993: 138), o ecoturismo consiste em “viagens por áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética ou filosófica (...). O ponto principal é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira normalmente não possível no meio ambiente urbano”.

6 Essas questões foram tratadas no capítulo “Visitando a natureza, experimentando intensidades”.

suprir uma grande demanda em emergência.

As “novas” atividades esportivas respondem a concepções de vida, inspiradas no “ecologismo”, apoiados em ideologias ambientalistas e/ou místico-religiosas, incluindo modalidades alternativas de baixo investimento de capital fixo, porém com alto retorno financeiro (Ribeiro; Barros, 1997. p.30).

Essas concepções vinculadas ao ecoturismo, embora considerando vários aspectos, como os problemas oriundos do choque cultural, a problemática questão do retorno parcial da renda obtida pela atividade para a população receptora e outras, parecem permanecer com suas questões perversas geradoras de mudanças e resultados inesperados e indesejáveis, além de diversos tipos de dependências (idem).

Tais práticas necessitam reflexão e discussão, pois se refugiam sob a adjetivação do ecológico, na medida em que este representa “uma relativização dos sentidos dessas mesmas práticas, que já estariam então ‘dados’ pelo próprio funcionamento da sociedade” (Silva, 1997. p.45). Presencia-se, portanto, uma legitimação dessas práticas, revestidas por um adjetivo, o qual por si só torna-se suficiente para execução de qualquer proposta dessa espécie, mesmo esta não estando comprometida com nenhum vínculo educativo, valorizando e difundindo as diversidades cultural e biológica.

Nessa mesma direção, embora argumentando sobre a utilização do adjetivo ambiental, Sorrentino (2002, p.91) alerta como a expressão “educação ambiental” tem sido percebida por distintos setores da sociedade, constituindo-se numa atraente chave para a abertura das mais diferentes portas. Uma chave de múltiplos usos, no primeiro momento, aproximando-nos de tudo e de todos, mas, em seguida, tornando-se um chavão difícil de carregar, em função das expectativas criadas em torno das soluções almejadas.

Mais que apontar a grande complexidade de relações nas quais a educação ambiental está inserida, tal como a história, a cultura, o modo de produção, as necessidades e os desejos de diferentes pessoas e grupos sociais, o autor supracitado mostra a necessidade de visualizarmos o “ambiental” para além de um adjetivo agregado à palavra educação, mas como parte do processo educacional mais amplo, ainda que possua suas especificidades.

Compartilhamos com Lima (1999) sobre a ausência de sentido na tentativa de relacionar educação ao meio ambiente, superdimensionando o poder da educação na transformação dos problemas ambientais e tratando-a como uma nova panacéia para todos os problemas no contexto social contemporâneo. Mesmo reconhecendo a importância da educação na mudança social, é preciso tratá-la como uma entre outras práticas capazes de compor uma estratégia integrada de transformações sociais e não de forma isolada no processo de transformação das relações de poder na sociedade.

Retomando a discussão, o discurso sobre a afirmação da natureza como um direito de todos (“a natureza é de todos”), não vem para responsabilizar o turista, como mostra Silva (op. cit., p.148), mas para este se colocar “em igualdade de direitos com as populações dos diversos locais”.

A autora citada (op.cit., p.149) discute sobre uma dupla destituição das comunidades tradicionais ocorrer no funcionamento desse discurso ecológico, referente aos aspectos jurídico e econômico. Quanto ao primeiro, “pela afirmação generalizada dos direitos sobre a natureza, com a qual, nos lugares determinados, turistas e comunidades tradicionais, que não têm o mesmo vínculo, possam ter os mesmos direitos”. Quanto ao segundo, “na afirmação da sua pobreza, o que significa que a riqueza natural desses lugares, não é a riqueza para as populações, mas para o turista”.

A existência de certos lugares ocorre pelas palavras que os evocam, “não-lugares”, no sentido desenvolvido por Augé (1994, p.88), ou seja, “lugares imaginários, utopias banais, clichês”. Tomamos aqui, como ilustração o folheto informativo da Venturas & Aventuras Viagens e Turismo, onde numa coluna, com o título “Brotas - a antiga cidade fantasma abriga o espírito de aventura”, passagens podem ser destacadas:

Renasceu nos meados dos anos 80, graças ao espírito de aventura. E hoje é a capital dos esportes radicais do Estado (...). A ex-cidade fantasma se tornou o éden do turismo de aventura (...). Para quem, como eu, gosta de aventura, adrenalina e um fim-de-semana longe de São Paulo, junto a uma galera muito legal (...). Enfrentar corredeiras, num rafting animal...

Exemplos como este ilustram o distanciamento para criar o espetáculo, numa série de visões “instantâneas”, as quais ganham mais realidade no regresso da viagem, quando voltarmos a vê-las através de fotos ou filmagens.

A evolução do número de adeptos a essas experiências de aventura na natureza têm crescido de forma assoberbada, trazendo uma questão interessante sobre a prática do ecoturismo e das atividades relacionadas ao mesmo, as quais não têm sido promovidas por federações, associações, nem sequer entidades administrativas governamentais, senão por agências de viagem, oferecendo múltiplas possibilidades ao gosto e possibilidades financeiras do consumidor, sendo uma das opções de lazer mais sólidas, dentre as surgidas nas duas últimas décadas⁸.

O município de Brotas é um bom exemplo para evidenciar essa grande

7 Obviamente este discurso encobre o fato de que, embora a natureza seja de todos, nem todos são verdadeiramente iguais, num sistema em que as trocas são bastante desiguais.

8 De acordo com o documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” (Embratur/Ibama, 1994, p.12) o ecoturismo “é um segmento que tem crescido a um ritmo considerável ao longo dos anos...”. Há um consenso entre os empresários “de que este é um mercado em franca expansão, sendo estimado o seu crescimento em cerca de 20% ao ano, conforme resultados obtidos em entrevistas realizadas junto a operadores turísticos especializados e peritos e na observação do crescimento de agências operadoras de ecoturismo”.

demanda, embora sem a precisão do número de adeptos. Uma pacata cidade no interior do Estado de São Paulo, situada a 247 km da capital, com 18.000 habitantes, tornou-se um ícone do ecoturismo e dos esportes de aventura, devendo o turista enfrentar longas filas em finais de semana ou feriados.

Teve seu auge de desenvolvimento no início do século com a cultura do café em fazendas que estão lá até hoje, com dedicação à criação de gado de corte e de leite, plantio de laranja, eucalipto, cana-de-açúcar e, mais recentemente (pouco mais de cinco anos), abrindo as possibilidades para o turismo. Portanto, a prática dos esportes de aventura ocorre, atualmente, nessas propriedades particulares.

Em 1994, a Coordenadoria de Turismo da Prefeitura Municipal elaborou um “Pré-projeto para o desenvolvimento turístico de Brotas”, destacando sobre um grupo de brotenses, formado por integrantes da organização não-governamental “Movimento Vivo” e da Secretaria do Meio Ambiente, além de outros membros da sociedade civil, apoiados pela Prefeitura Municipal, ter realizado, a partir de 1993, “expedições” às cachoeiras do município, tendo como objetivo, além de conhecer as potencialidades naturais, avaliar e documentar a possibilidade de exploração do turismo ecológico. Esta proposta surgiu da necessidade de se buscar uma alternativa econômica que pudesse desenvolver o município e ao mesmo tempo conservar uma das maiores riquezas que Brotas possui, ou seja: suas águas limpas e belezas naturais.

Segundo o documento, simultaneamente a esse trabalho, a Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo (SET), organizou e lançou um projeto de regionalização e interiorização do turismo, no qual os municípios do Estado foram agrupados em 14 núcleos, cinco dos quais já tinham sido implantados em 1994. Brotas, por decisão da própria SET, havia sido incluída no sexto, no Núcleo das Serras.

Essas questões vêm ao encontro do destacado por Graziano da Silva e outros (1998, p.29), sobre o turismo em áreas rurais (uma vez que as cachoeiras localizam-se em fazendas e pequenas propriedades rurais) estar sendo pensado mais recentemente no Brasil como “uma fonte adicional de geração de emprego e renda para famílias residentes no campo, à medida que vem decaindo a ocupação e as rendas provenientes das atividades agropecuárias tradicionais”. Desta forma, podem ser criados tipos de trabalho com reduzidos volumes de investimento⁹, advindo daí a possibilidade de estabelecer-se em áreas as quais não dispõem de recursos turísticos extraordinários, tendo como consequência a facilidade de estender-se para amplas regiões do território. A partir dessas perspectivas uma outra surge, destacando o ecoturismo como um fator importante na gestão do território, dada sua capacidade de desenvolvimento das potencialidades endógenas de determinado local.

De certa forma, o ecoturismo se destaca como um empreendimento sem relação com a dinâmica da agropecuária da região e, dessa forma, diferencia-se

⁹ Os autores destacam como a Espanha tem se valido em larga escala dessa estratégia.

conceitualmente do turismo rural, o qual agrega atividades de lazer, as quais se associam à recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo¹⁰. Deve ser analisado, segundo os autores supracitados (ibid., p.15), dentro da ótica das “novas funções” adquiridas pelo meio rural paralelas às funções tradicionais da agropecuária, as quais, além desse lazer, promovem a conservação do ecossistema e dos recursos naturais, educação ambiental¹¹, proteção da paisagem, manutenção do território¹², etc.

Por outro lado, as atividades, nas quais a pretensão de cunho ecológico é manifestada, têm-se restringido a fatores físico-bióticos do meio ambiente, relegando a planos de menor importância os aspectos socioculturais e político-econômicos característicos das populações locais. Portanto, a redefinição dos modelos de desenvolvimento pautados nos “critérios ecológicos”, tem acontecido, como discutem Ribeiro e Barros (op.cit., p.39), “muito mais no sentido de uma adequação à idéia de “equilíbrio com o meio natural” do que em relação à de justiça social, ao reconhecimento das populações humanas como os verdadeiros sujeitos do meio ambiente”.

Sem deixar de considerar a possibilidade de ações limitadas no ecoturismo, acentuando a comunidade e a localidade, as resistências locais e regionais, os movimentos sociais e o respeito pela alteridade, corre-se o risco da apelação por uma política sectária e estreita, na qual o respeito pelos outros pode se perder numa competição por entre os fragmentos¹³.

Ainda nessa discussão, percebe-se uma forte ênfase nas posturas empresariais e políticas de planificação e gestão, quando a fala enfoca o turismo sustentável, desprezando aspectos relativos aos comportamentos sociais como atitudes, expectativas e valores da população, não respondendo à necessidade de preservação dos recursos naturais para garantir sua continuidade e regeneração, costumes e estilos de vida, na busca do enriquecimento da experiência turística e nos benefícios advindos da mesma.

AS NOVAS CIDADANIAS

Se a edificação da ciência realizou-se graças à objetivação do natural,

10 Como exemplo, podem ser citados os pesque-pagues, as fazendas de caça, as cavalgadas, os hotéis-fazenda, os restaurantes típicos, os artesanatos, as industrializações caseiras. São atividades internas à propriedade gerando ocupações complementares às atividades agrícolas.

11 Algumas fazendas estão desenvolvendo projetos de estudo do meio para escolas, baseados na história de sua própria produção (café, algodão, etc.).

12 Em um depoimento um dos proprietários das fazendas locais expressa sua indignação pelo lixo acumulado em sua propriedade, obrigando-o a retirar duas carretas de garrafas de plástico e outros dejetos, somente do estacionamento de carros, antes da descida da trilha para as cachoeiras. Esse fato, associado ao apelo da Prefeitura para abrir a propriedade ao ecoturismo, conduziu-o a criar infraestrutura para coleta de lixo, bem como orientação para os usuários, no sentido de não depredarem o ambiente (Artigo “Brotas garante diversão com ecoturismo” - Folha de São Paulo, 21/6/1999).

13 Graziano da Silva e outros (op. cit., p.17) discutem como as rendas geradas pelo ecoturismo em geral pouco estão beneficiando as populações locais, onde este ocorre, permanecendo concentrada nos agentes intermediários oriundos dos centros urbanos, bem como em empreendimentos externos.

evacuando-o da esfera social, atualmente percebemos uma inversão, constituindo-se o componente natural como “penhor da performatividade”, a natureza permitindo uma espécie de “enraizamento dinâmico”.

Uma mentalidade ambientalista manifesta-se na atualidade, resgatando a necessidade erótica de manter aceso o desejo de viver, como coloca Cascino (1998, p.269), estando implícito um pensamento complexo, abrangente, “multi-centrado, abarcando inúmeros aspectos da vida contemporânea, permeando outras conjunturas e necessidades humanas, redesenhando a arquitetura do desejo humano de viver bem, ampliando o discurso sobre o meio, sobre as exigências e condições de qualidade de vida”.

Nesse cenário, conforme Cascino (p. 266), surge uma noção de ambientalismo, na qual está embutida não apenas a preservação, de maneira isolada e estanque, mas integrando uma infinidade de conteúdos, de complexificação do conhecimento, articulando uma visão diferenciada sobre os acontecimentos naturais, socioculturais, político-econômicos, num entendimento do ser humano como elemento de co-responsabilidade, fundamental, em tudo o que ocorre no que se refere à sobrevivência física do planeta e da própria qualidade de vida em um sentido amplo, renovado e diferenciado. Nessa direção, prossegue o autor,

as novas configurações do expressar a política, o fazer reivindicações, o agir sobre os temas de interesses e importância na defesa de territórios existenciais coletivos e individuais, se reveste de inéditas estruturas simbólicas, abrindo campos até então intocados da expressão humana, rompendo com velhas mensagens, envelhecidas cores de expressão dos desejos, (p.266).

A cidadania seria compreendida como algo em contínua construção, constituindo-se à medida que dá significado de pertencimento dos indivíduos a uma sociedade, conforme cada fase histórica (Loureiro, 2002).

Observamos ações diversas, as quais provavelmente não seriam realizadas há algumas décadas (ou talvez seriam consideradas sem propósitos), como observar abutres na Croácia ou baleias nas Ilhas Canárias, contar a população de morcegos “raposa voadora” na Índia, salvar macacos na África do Sul ou acompanhar o nascimento de tartarugas no Brasil - conceitos da nova cidadania mundial.

Voluntários específicos oriundos de diversas partes do planeta chegam a desembolsar quantias consideráveis (US\$1,8 mil) em viagens para participar em programas dessa espécie, onde 77% do valor pago é destinado ao programa, conforme a reportagem “ONG ecológica recruta voluntários pelo mundo”.

Denominados “ecovoluntários”, viajam para trabalhar, podendo observar baleias-piloto nas Ilhas Canárias, durante duas semanas, por US\$325, com direito a hospedagem e refeição, mapeando a população de baleias, até poucos anos alvô de matanças. Policiam o ecoturismo marinho e instruem a população sobre a importância

da preservação. Também preparam a comida e ajudam na limpeza do barco, onde ficam hospedados.

Nem todos os programas ecológicos são sinônimos de pouca estrutura, como o mapeamento das populações de baleia-azul no Canadá, onde a hospedagem ocorre em hotel, janta-se em bons restaurantes da região de Gasperie, próxima a Montreal e paga-se caro, como indicado na reportagem - US\$1.840 por uma semana.

Alertando sobre o respeito à cultura local ser primordial, a representante do Programa Ecovoluntário afirma sobre essa ONG orientar os participantes sobre regras de conduta na tentativa de evitar conflitos.

Constata-se, no movimento contemporâneo, um crescente fascínio pelo “estar em relação”, como expõe Sant’Anna (1993, p.261), atrelado ao aumento vertiginoso das tecnologias prometendo acesso rápido, tanto ao mundo exterior quanto ao nosso mundo interno, - “um corpo informatizado, relacional, em comunicação, dispersado e literalmente ligado”. Paralelamente cresce o “receio de não saber onde pairam, onde pisam, onde moram nossos corpos (...) como se os lugares que ocupamos, os solos sobre os quais caminhamos e habitamos não cessassem de partir”.

As novas tecnologias convidam para “estarmos em comunicação” com o mundo. No mesmo sentido, esclarece a autora (idem), “tem-se uma ampliação da percepção e da frequência em que cada indivíduo se coloca em relação com o próprio corpo e com os demais corpos, mesmo pela via virtual”.

Conectar-se, igualmente, tornou-se sinônimo de cidadania aponta a reportagem “Ecologistas usam e-mail e sites para fazer campanhas”, apontando como a Internet constituiu-se no meio e no ambiente propício aos ecologistas, os quais aproveitam a rede para divulgar suas propostas e realizar campanhas virtuais, principalmente abaixo-assinados eletrônicos¹⁴, bem como angariar doações.

Os temas são variados: Angra 2, alimentos transgênicos, geladeiras ecológicas, preservação das baleias, dentre outros.

A campanha “Proteja os Parques do Brasil” enviou ao Congresso Nacional e-mails assinados por participantes internautas, solicitando a aprovação imediata do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, cuja carta foi lida por 39 parlamentares.

A Rede Nacional Contra o Tráfico de Animais Silvestres (RENTAS) criou um site permanente de fiscalização. Os conectados podem fazer denúncias pela página ou até mesmo relatar suspeitas. A RENTAS os encaminha à Polícia Federal e a outros órgãos responsáveis e ainda promovem campanhas de preservação da fauna.

Retomando Loureiro, na contemporaneidade, o conceito de cidadania envolve complexos conjuntos de direitos e responsabilidades sociais, não mais limitados aos padrões tradicionalmente estabelecidos, mas sim pensados,

¹⁴A reportagem relata como o Greenpeace do Brasil conseguiu 12 mil assinaturas por e-mails em uma campanha pedindo a proteção das baleias do Atlântico Sul.

produzidos e reproduzidos em um sentido global. Desta forma, os exemplos acima citados são apenas alguns diante das muitas ações existentes, na busca de mecanismos efetivos de participação e poder de decisão em movimentos sociais que fazem parte da sociedade civil nos âmbitos nacional e internacional, conforme a compreensão de seus participantes

O discurso ambiental, trazendo Ferreira (1999) não representa somente o discurso voltado ao ambiente, abarcando também o processo social, por meio do qual ele é construído e transmitido. Assim, as inúmeras tentativas de aproximação da natureza podem representar possibilidades de compreensão do momento atual, bem como o discernimento de nosso papel como sujeitos ativos no processo de construção de uma "cidadania ecológica", utilizando a expressão de Loureiro (op.cit.).

Por expressar o comportamento de uma época, concluímos que o ecoturismo, o qual está atrelado ao movimento ambientalista, desenvolve uma lógica contextual integrando vários elementos da realidade social, expressando valores, comportamentos, idéias, manifestados na atualidade, justificando a importância e a relevância pela sua compreensão. Sua complexidade ultrapassa, dessa forma, a frivolidade da aparência para se constituir em um campo fértil de investigação social, não suportando uniformidades em uma pretensa homogeneização, mas o entendimento de sua manifestação em situações peculiares e específicas.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BRUHNS, Heloisa T. Lazer, Cultura e Tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização. *Licere*, Belo Horizonte, 1, n.1, p.77-94, 1998.

_____. Lazer e Tempo: buscando compreensões no processo de globalização. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p.91-104, 1999.

CASCINO, Fábio. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: VASCONCELOS, Fábio P. (Org.) *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: Editora FUNECE, 1998.

DOCUMENTO *Pré-projeto para o desenvolvimento ecoturístico de Brotas*. Brotas: Prefeitura Municipal/Coordenadoria de turismo, 1994.

DOCUMENTO *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo* - Grupo de Trabalho Interministerial- Embratur/Ibama. Brasília, 1994.

FERREIRA, Lúcia C. Conflitos sociais contemporâneos: considerações sobre o ambientalismo brasileiro. *Revista Ambiente & Sociedade*. Campinas: FAPESP:

NEPAM: UNICAMP. Ano II, n. 5, p.35-54, 1999.

GRAZIANO DA SILVA, José et al. Turismo em áreas rurais. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio e outros (orgs.) *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Santa Maria: UFSM,CCR, 1998.

Informativo da Ventura & Aventuras Turismo - Ano II nº5-ago/set/out 1998.

Jornal Folha de São Paulo, 21/6/1999, Brotas garante diversão com ecoturismo.

Jornal Folha de São Paulo, caderno Folha Informática, 02/6/1999, Ecologistas usam e-mail e sites para fazer campanhas.

Jornal Folha de São Paulo, 18/7/1999, ONG ecológica recruta voluntários pelo mundo.

LIMA, Gustavo C. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. *Ambiente & Sociedade*, ano II, nº. 5, p.135-153, 1999.

LOUREIRO, Carlos F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, Carlos F. B.; LAYARGUES, Philippe P.; CASTRO, R. S. *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002, p.69-98.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petropólis: Vozes, 1996.

_____. *O tempo das tribos*. 2º ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (org.). Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane.; SEABRA, Luiz F. Atividades de aventura e formação profissional. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 14, 2002, Santa Cruz do Sul. *Anais...Santa Cruz do Sul: Universidade do Vale do Itajaí*, 2002.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, Cultura e turismo*. Campinas: Papius, 1993.

RIBEIRO, Gustavo L.; BARROS, Flávia L. A corrida por paisagens autênticas: Turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: BRUHNS, Heloisa T. e SERRANO, Célia M.T. (org.). *Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papius, 1997.

SILVA, Telma D. O ambiente e o turista: Uma abordagem discursiva. In; BRUHNS, Heloisa T. e SERRANO, Célia M. T. (org). *Viagens à natureza-Turismo: cultura e ambiente*. Campinas, Papyrus, 1997.

Sorrentino, Marcos. Portas, chaves e restaurantes. In: Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, 1, Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, 2, Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente, 14, *Anais... Erechim*, 2002. p.91-99.

ABSTRACT: This article intends to develop a discussion about the ecotourism as well as the contradictions and conflicts wich are involved in this practice. Following, it searches an understanding about images that are built around this activity, the relations with the environmental education and the news concepts about citizenship presents in this process.

KEY WORDS: Leisure, environment, citizenship

Endereço das Autoras:

Heloisa Turini Bruhns

Alcyane Marinho

Departamento de Estudos do Lazer

Faculdade de Educação Física da Unicamp

Caixa Postal 6542 – Cep.: 13.084-970

Endereço eletrônico: bruhns@obelix.unicamp.br

Endereço eletrônico: alcyane@claretianas.com.br

Recebido em: 20/ 11/2003

Aceito em: 12/ 12/ 2003